

Ruy Ribeiro da Fonseca Leitão (1949-1976)

\* Fotografia retirada do catálogo "Ruy Leitão por Filomena Molder", Edição 111 (1994)

# Ruy Leitão

"Um pintor sensível  
aos objectos de uso:  
tudo por amor da linha  
e da cor"



O seu olhar é analítico e sintético  
ao mesmo tempo, como o de todo  
aquele que se dedica à contemplação.

(Maria Filomena Molder, 1994)



# NOTAS SOBRE O PERCURSO DE VIDA

Ruy Ribeiro da Fonseca Leitão, nasceu em 1949, na cidade de Washington. Entre 1966 e 1970 estudou na Central School of Art e na Chelsea School of Art em Londres, num dos momentos mais férteis da produção artística inglesa. Faleceu em 1976.

As suas obras estiveram expostas em exposições colectivas, designadamente na *Young Contemporaries* em Londres, na exposição colectiva organizada pelo Arts Council, nos EUA, na Bienal Internacional de Gravura, em Paris. Em Lisboa participou na exposição *17 Novos Autores*, Galeria Judite da Cruz, no ano de 1970, e em exposições individuais que tiveram lugar entre 1971 e 1994, na Galeria 111, na Galeria da Emenda, na Fundação Calouste Gulbenkian (Retrospectiva), na Galeria de S. Mamede em Lisboa, e na Chelsea School of Art, em Londres.

A sua obra reporta-nos à Nova Figuração Pop, inserida na civilização urbana contemporânea. Em Londres, nos anos 60, viveu em plena época Pop e da contestação estudantil internacional que culminou no Maio de 68 em Paris.

**Ruy Leitão considera o mundo como um enorme bazar.**

Deste ponto de vista, leva-nos a observar cenas a “abarrotar” de símbolos, marcados pela abundância da sociedade de consumo, através dos objectos de uso quotidiano, transfigurados em imagens eminentemente visuais, que não recusam o decorativismo de elementos repetidos. Estes objectos podem ser lápis de cor, escamas de peixe, penas de ave, padrões de tecidos. Nas suas obras surgem todas as mutações de cor, de formas e de texturas, como num jogo para pôr à prova a possibilidade de evocação múltipla dos objectos/imagens, dos seus efeitos mágicos e da sua efemeridade.

Patrick Caulfield, (1983) afirma que a obra de Ruy Leitão é “surpreendente: não da forma como uma imagem surrealista surpreende, pela justaposição de objectos díspares, mas sim com a exactidão com que apresenta coisas que, embora parecendo familiares, estão, estranhamente, alteradas. Esta exactidão dá autoridade à imagem”. A título de exemplo, prossegue Caulfield, “nunca houve um casaco de tweed tal como aquele, mas Ruy convence-nos que existe”.

Ruy Leitão introduz, através de um exercício raro e inovador, modos de transformar as coisas, a ideia de série, o ritmo e os padrões de paisagens e imagens, levando-nos ao ínfimo pormenor para “dizer que tudo está em tudo”. Procura, na repetição contínua de cada elemento da série, introduzir uma descontinuidade, um sobressalto humorístico, por exemplo, uma mudança de escala, a substituição inesperada ou o acrescento de um elemento, alterando o ritmo, interrompendo-o.

Nas suas obras feitas de materiais considerados “pobres” como o lápis de cor, a esferográfica, a caneta de feltro, o lápis de cera e o guache sobre papel, evidencia com frescura e originalidade que a “imaginação era para ele o natural e o quotidiano, uma aventura precária e duvidosa” (Hélder Macedo, 1985). A luz-cor feita de linhas e de objectos do senso comum projecta na obra de Ruy Leitão a perplexidade de saber se o muito das coisas é o pouco da VIDA.

**“É um artista único. Na pintura portuguesa acho de longe o melhor da sua geração apesar de que para mim é um dos melhores de sempre.”**

Paula Rego, in “carta de Paula Rego a Sommer Ribeiro”, 1983



# O TRAJECTO DE UM OBJECTO

A maior parte das vezes não olhamos as coisas que estão muito perto de nós ou, mesmo olhando-as, vemo-las quase sempre de acordo com uma lógica utilitária. Pegamos num carrinho de linhas e lembramo-nos, apenas, que este contém linha para “pregar” botões, entre outras coisas. Poderíamos fazer uma imensa lista: um prego serve para...; uma lata serve para... Esta seria uma lista exaustiva de objectos e da sua utilidade. Raramente, retiramos deles o seu potencial formativo a nível estético.

As actividades, subordinadas à temática O TRAJECTO DE UM OBJECTO que abaixo se enumeram, têm como principal finalidade encetar um diálogo com os objectos de uso quotidiano e reflectir sobre o que podemos fazer com eles, ao nível da sua dimensão estética, não descurando, contudo, as restantes dimensões: afectiva, utilitária e económica, partes fundamentais nesta análise.

Ruy Leitão, a este propósito, “traça na nossa mente um paradoxo entre aquilo que se está a ver e o que poderá ser visto como único, irrepetível, motivando-nos ao exercício de reconhecer valor cultural a cada bocado de um todo ou ao todo feito em bocados. É como se o ‘quadro vida’ estivesse dentro do próprio quadro, centro de composição, para nos fazer reflectir sobre a seriedade da vida quotidiana”. Foi, com certeza, através de um exercício estimulante de observação e reflexão que Ruy Leitão nos “ofereceu” estas obras para o nosso imaginário, e é através delas que vamos viajar para bem perto de nós e projectar num largo horizonte as nossas ideias.

Em síntese, trata-se de conjugar a arte, neste caso específico as artes visuais, com a atribuição de significados múltiplos aos objectos que nos rodeiam.

Para a concretização desta grande finalidade, apresentam-se algumas linhas de orientação para os professores e algumas actividades específicas dirigidas aos alunos:

1. As actividades propostas estão de acordo com tarefas de natureza diferenciada e complementar: verbais, escritas e plásticas. A ideia é o estudo das obras/objecto transversalmente, atribuindo às artes visuais uma (con)vivência com outras áreas do saber;
2. Destinam-se preferencialmente a crianças do ensino básico. Fica ao critério de cada profissional de educação adaptar, inovar e criar novas propostas para o desenvolvimento desta temática, tendo em conta os seus alunos;
3. Para o estudo das obras de Ruy Leitão, dever-se-á começar com uma observação geral da obra, segundo quatro dimensões: intuitiva (as primeiras impressões), projectiva (o que nos faz pensar), vivencial (o que nos faz lembrar) e formal (as suas características: cor, forma, textura, ritmo, entre outras). Estas dimensões estão separadas apenas por uma questão metodológica. Apresentam-se algumas questões orientadoras, a título de exemplo:
  - O que se vê? Em que faz pensar? Em que época foi feita? Que acontecimentos marcaram essa época?
  - Quais as cores, as formas, as manchas, o ritmo, o movimento? Qual a modalidade expressiva (desenho, pintura, escultura, entre outras)?
4. Algumas destas actividades podem ser feitas em fotocópias da mesma dimensão deste destacável. No entanto, seria desejável que algumas fossem realizadas num suporte de maiores dimensões, para a criança poder mais facilmente expressar as suas ideias e exercitar de uma maneira mais eficaz a noção de composição;
5. Sempre que possível o professor deve levar para a sala de aula catálogos sobre o artista e sobre a Pop Art;
6. Deverá ser feita uma pesquisa em livros ou na Internet, utilizando as palavras-chave relacionadas com a obra deste artista, por exemplo:

POP ART

CROMATISMO

RITMICIDADE

IMAGÉTICA VISUAL

DECORATIVISMO

PINTURA VIBRANTE

EXPRESSIVIDADE

MUTAÇÕES DA COR



Sem título – Guache sobre papel (1972/73)  
59x42 cm

# PROPOSTA DE ACTIVIDADES



**A.** Escreve três perguntas sobre a obra distribuída:

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_



**B.** Agora, dá as respostas:

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_



**C.** Ruy Leitão tinha a capacidade de nos surpreender no modo como desenhava e pintava os objectos do quotidiano, atribuindo-lhes um novo significado. Observa com atenção esta obra e faz uma composição plástica, utilizando uma técnica mista. Para isso precisas de recolher objectos que são utilizados no quotidiano (pedaços de tecido, tampas de canetas, fios de lã...) e espalha-os num suporte (cartão, madeira, ...), colando-os da maneira que aches mais harmoniosa. De seguida, preenche o fundo dessa superfície, pintando-a com uma só cor, de modo a fazer a distinção entre a imagem que criaste com os objectos (figura) e o fundo da composição.

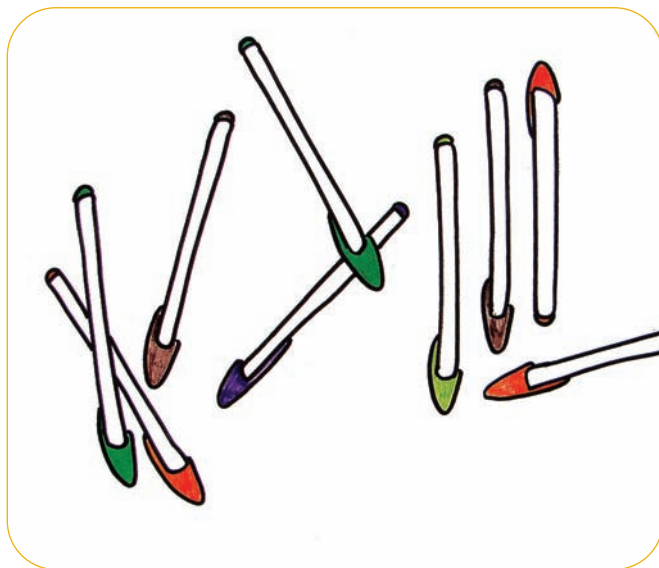
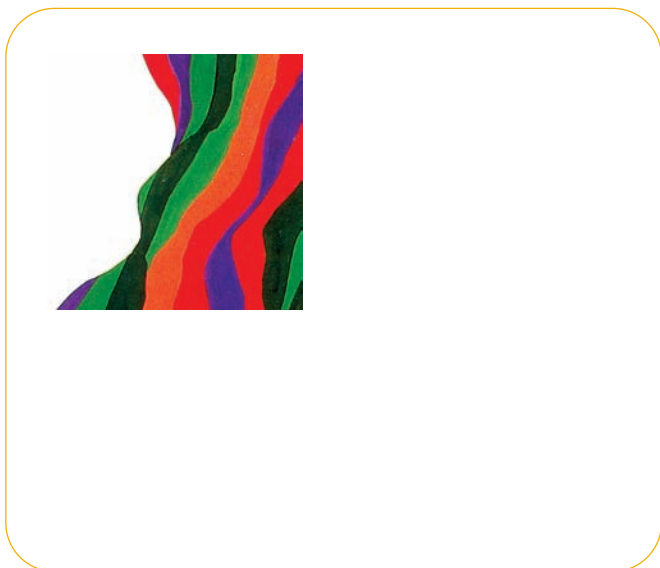


**D.** Neste fragmento da obra de Ruy Leitão podem-se observar manchas de várias cores, que se vão repetindo. Esta repetição dá-nos a sensação de movimento/ritmo. A partir deste fragmento representado em baixo, faz uma pintura, apenas com manchas de cor, tentando exercitar o conceito de ritmo. Podes pintar neste espaço com marcadores grossos, ou utilizar um suporte com outras dimensões.



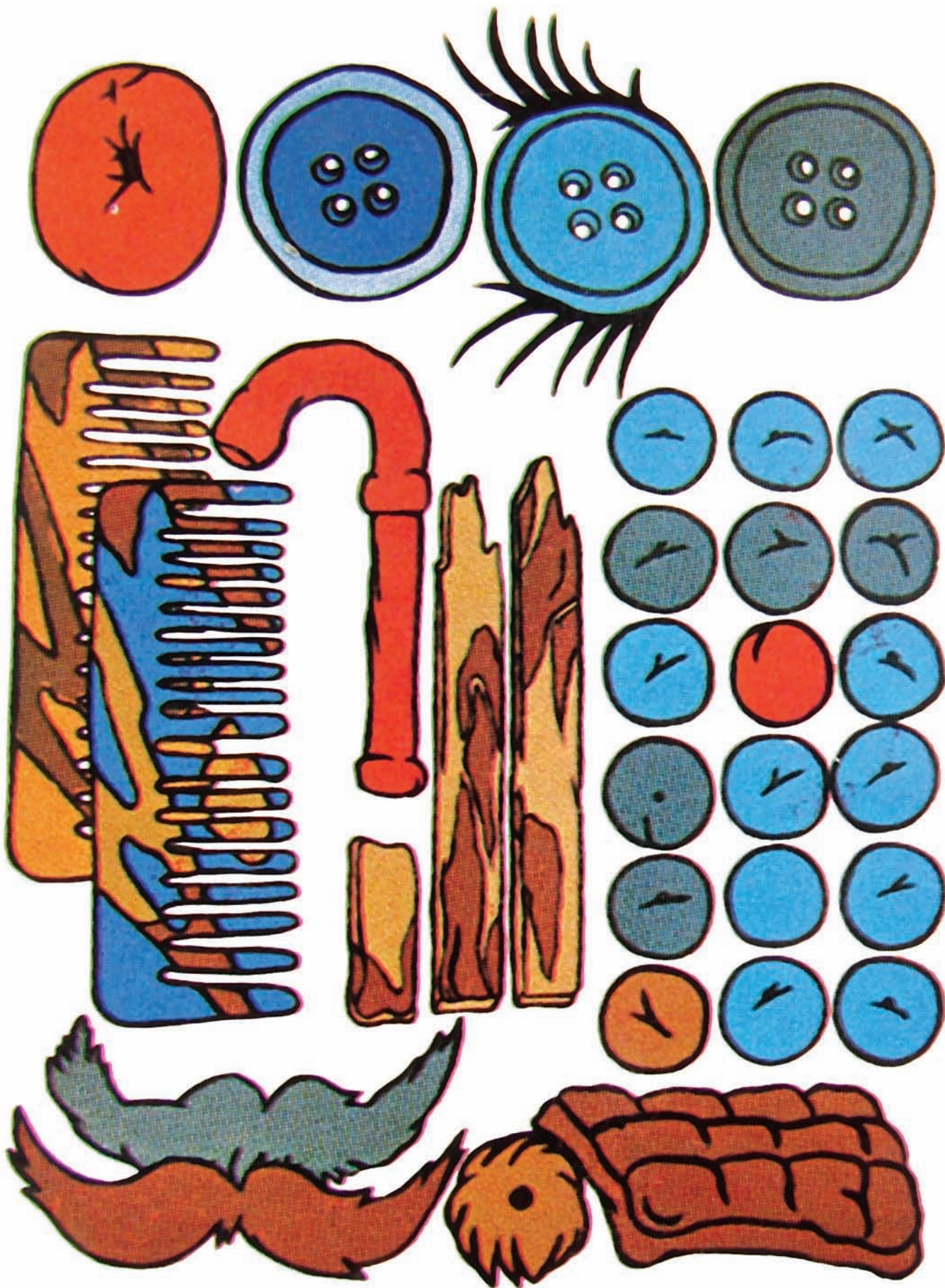
**E.** Escreve três palavras sobre esta obra de Ruy Leitão.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



Sem título – Feltro sobre papel (1968)  
25x35,5 cm





Sem título - Colagem, feltro (1967/68 aprox.)  
35x50 cm

# PROPOSTA DE ACTIVIDADES

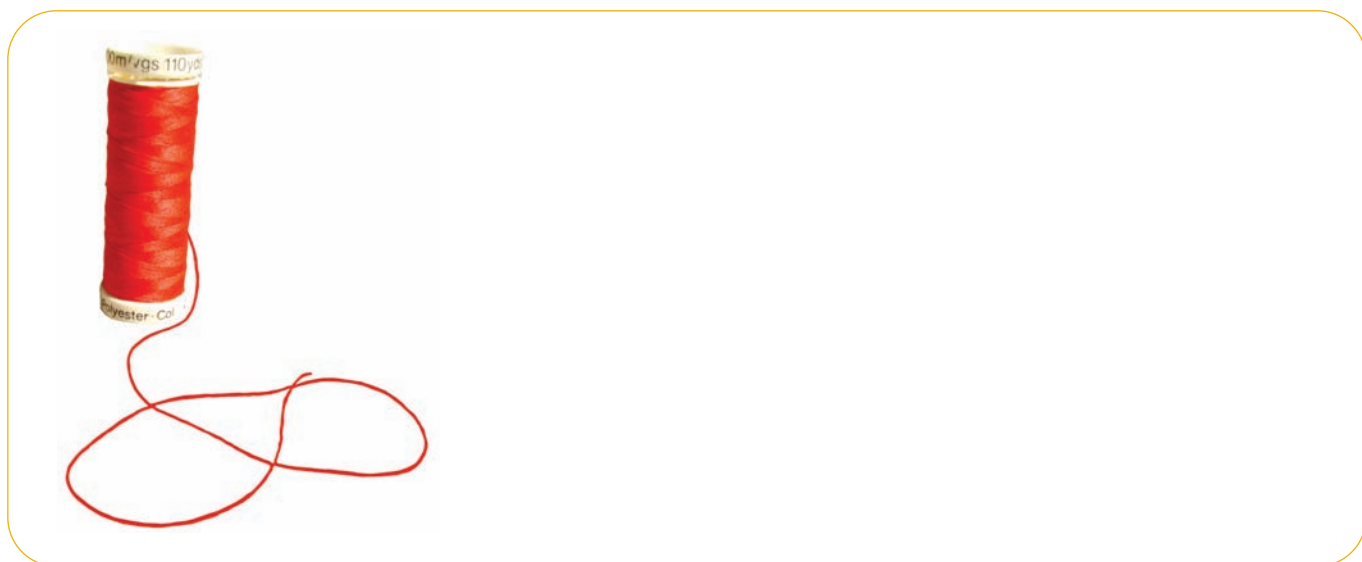


**A.** Completa:

Na imagem distribuída vejo \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.



**B.** Continua a desenrolar a linha deste carrinho com as cores e as espessuras que mais te agradarem.

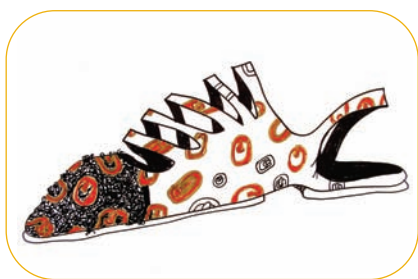


**C.** Uma *Assemblage* é uma técnica, na qual se distribuem objectos, sem relação entre si, que adquirem uma nova dimensão ao serem conjugados com uma intenção expressiva e original. Vamos experimentar:

- A imagem, ao lado, mostra alguns elementos com os quais se pode fazer uma *Assemblage*. Procura elementos de que gostes, pela sua cor, textura ou forma: botões; peças de brinquedos, cordas, plantas secas, pedaços de madeira...;
- Arranja uma caixa, um pedaço de madeira ou um outro suporte que seja rígido;
- Põe cola na parte de baixo dos objectos e cola-os no suporte;
- Podes ainda pulverizar a tua *Assemblage* com tinta em *spray*;



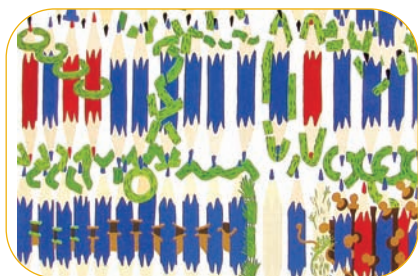
# O QUE VEJO EU... NO QUE VIU RUY LEITÃO?



Sem título – Feltro sobre papel (1968)  
27x37 cm



Sem título – Colagem, feltro (1967)  
20x29 cm



Sem título – Guache sobre papel (s/d)  
51x40,5 cm



Sem título – Guache sobre papel (1972/73)  
42x58 cm



Sem título – Feltro sobre papel (1968)  
25x35,5 cm



Sem título – Guache sobre papel (s/d)  
51x40,5 cm



Sem título – Lápis de cor sobre papel (1970/71)  
42x59 cm



Sem título – Guache, esferográfica e feltro sobre papel (s/d)  
37,2x28 cm



Sem título – Guache sobre papel (1972)  
40x50 cm